

‘Contra tudo isto que está aí’: emoções e moralidade no movimento fora Dilma ocorrido em João Pessoa.

Ana Olívia Costa de Andrade¹

Resumo

Este trabalho se propõe a discutir como se dão as relações entre emoções e moralidade na experiência do engajamento de pessoas combativas ao atual governo do Brasil. Se trata de uma análise preliminar e aproximativa. No último dia 15 de Março de 2015, aproximadamente três mil pessoas foram para as ruas de João Pessoa, correspondendo a uma mobilização nacional, para (entre outras demandas) pedir o impeachment da presidente Dilma Rousseff. O trabalho se baseia em dois eventos: uma reunião de organização das manifestações; e o dia da primeira manifestação, dos quais se tomou parte guiando-se pela observação participante e conversas informais. Com os dados obtidos pretende-se analisar as emoções envolvidas neste processo e sua linha tênue com as questões da moralidade.

Palavras-chave: emoções; moralidade; corrupção; engajamento.

Abstract

This paper aims to discuss how to give the relationship between emotions and morality in the experience of engagement combative people the current government of Brazil. It is a preliminary and approximate analysis. On the last day March 15, 2015, about three thousand people took to the streets of João Pessoa, corresponding to a national mobilization to (among other demands) ask for the impeachment of President Dilma Rousseff. The work is based on two events: an organizational meeting of the demonstrations; and day of the first manifestation of which took part be guided by the participant observation and informal conversations. With the data obtained it intends to analyze the emotions involved in this process and its fine line with the issues of morality.

Key words: emotions; morality; corruption; engagement.

Introdução

Categorias como emoções e moralidade são aspectos subjetivos e abstratos da experiência humana. Nos estudos sociológicos e antropológicos contemporâneos, essas categorias vêm se firmando e se desenvolvendo como diferentes campos de pesquisa nas Ciências Sociais. O resultado disto foi um crescente número de trabalhos sobre os fenômenos das emoções e os fenômenos morais (Brito; Koury, 2014).

Com o intuito de colaborar com os citados campos e considerando o desenvolvimento teórico e metodológico dos mesmos, é que se pretende neste trabalho analisar a relação entre moralidade e emoções na experiência do engajamento dos

¹ Mestranda no Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba.

integrantes do grupo que participaram da organização do ato em favor do impeachment da presidente da república, ocorrido no último dia 15 de Março de 2015, em consonância a uma demanda nacional de outros grupos organizados, sobretudo, por redes sociais. O percurso metodológico desta análise se deu com uso de conversas informais e observação da última reunião antes do dia do protesto. Conhecer, observar, conversar e vivenciar um pouco da organização do ato possibilitou a compreensão dos propósitos das pessoas engajadas e de como analisar sociologicamente questões tão pessoais e abstratas como emoções e moralidade.

Com o exposto, esta análise se faz pertinente por tratar de questões atuais e caras as Ciências Sociais, pois a primeira conclusão do trabalho é que são justamente as emoções e as questões morais que movem as pessoas a se engajarem nestes grupos combativos ao governo do Partido dos Trabalhadores. Estas categorias, emoções e moralidade, estão presentes nas principais pautas defendidas pelos participantes deste ato político que é atual, de alcance nacional e certamente vai compor a história política contemporânea do Brasil. As pautas comportam os mais variados temas que dão vazão às discussões de gênero, de raça, de classe, de movimentos sociais, religião, militância, posicionamento político, entre outros, mas em todas elas é possível observar as emoções como motor dos discursos e a moralidade como bússola.

Emoções e Moralidade como campo e objeto de pesquisa da Sociologia

Conforme Mauro Koury (2009) A Sociologia das emoções tem como fundamento a leitura da intersubjetividade a partir da categoria emoção e se preocupa com os fatores sociais que influenciam o domínio emocional. Não diferente da Sociologia da moralidade, a Sociologia das emoções não possui fundamentalmente uma unanimidade entre seus precursores, no que se refere aos caminhos teóricos e metodológicos que melhor correspondem as suas análises. Em seu estado de arte sobre o campo da Sociologia das Emoções, Koury faz uma retomada em relação o trato às emoções, começando pela Sociologia Clássica, chegando aos estudos mais contemporâneos em relação a este campo. Em meio a essa retomada, o autor encontra e aponta no Interacionismo Simbólico um indispensável meio analítico para o estudo das emoções, já que este aprofunda o conceito de intersubjetividade que envolve a

perspectiva do indivíduo, de grupos ou instituições na relação com outros.

Tendo em vista que a análise que se pretende fazer neste trabalho, refere-se à relação entre emoções e moralidade na experiência do engajamento de pessoas envolvidas no movimento fora Dilma da cidade de João Pessoa, pode-se dizer que a mesma faz parte desta perspectiva de intersubjetividade por ser microssocial e focada na relação imediata do indivíduo perante o outro em um grupo social específico. Esta análise tem como foco a compreensão das emoções que estão em jogo diante do processo de interação entre os indivíduos do grupo. Nesta perspectiva, as emoções são compreendidas como elementos sociais e, conforme Koury, pesquisas assim priorizam os processos sociais, culturais e morais de onde as emoções surgem “e suas condições de formação e ação social através dos indivíduos, buscando entender o jogo interrelacional entre as instâncias subjetivas e objetivas dispostas em uma interação social” (Koury, 2009:55).

Em uma síntese geral, de acordo com Koury, a Sociologia das Emoções tem como base principal a compreensão das experiências emocionais particulares de um agente social como produção das relações entre os indivíduos, a sociedade e a cultura. Neste sentido, o campo das emoções tende a intensificar a análise sociológica da intersubjetividade a partir de novas perspectivas. Com isso é possível pesquisar os fenômenos sociais, psicológicos e culturais que se manifestam nas emoções dos atores sociais, percebendo a ligação destes com as culturas de diferentes sociedades.

A Sociologia e Antropologia das Emoções e a Sociologia e Antropologia da Moralidade, além dos aspectos subjetivos iminentes, têm em comum e já rapidamente mencionada, a falta de unanimidade em relação aos caminhos teóricos e metodológicos percorrido por seus adeptos. No caso da Sociologia da Moralidade, um ponto de partida essencial para discutir e compreender as questões e tensões do campo é a análise que Zygmunt Bauman (1998) faz da Sociologia em relação à moralidade. Para o autor, na Sociologia tradicional a moralidade vinha sendo abordada de maneira reducionista, sobretudo nos escritos de Durkheim em relação a moral. Já que Durkheim colocava o comportamento moral como conformidade e obediência às normas reconhecidas socialmente pela maioria. Com isso, o desvio das normas seria imoral e categoriza a anomia. Diferente disso, o autor lembra-se das teses de Hannah Arendt sobre a banalidade do mal. Ele aponta, como bases pressociais do comportamento moral, a

afirmação da autora sobre a possibilidade da teoria moral e prática legal enfrentarem a manifestação da moralidade numa insubordinação, frente aos valores socialmente aceitos e numa ação claramente desafiadora da solidariedade e dos consensos sociais.

A partir das colocações de Hannah Arendt, Bauman entende a necessidade de uma reformulação das interpretações tradicionais da Sociologia frente à moralidade, compreendendo que mesmo toda moralidade provindo da sociedade e não havendo vida moral fora desta, como colocou Durkheim, ainda assim ela (a moralidade) não deve ser concebida como tendo origem societária devido às imposições, coerção, treinamentos e adestramentos morais. Para consolidar sua preposição, Bauman buscará na Filosofia bases para fundamentar sua elaboração teórica para uma concepção da moral como sendo pré-societária, centralizando a ideia de responsabilidade.

Tendo a responsabilidade como o centro do entendimento da moral, a essência da moralidade configura um “dever em relação ao outro” não sendo obrigação, mas um dever que vem antes dos interesses: “as raízes da moralidade penetram bem mais fundo que os arranjos societários, como cultura ou estruturas de dominação. Os processos societários começam quando a estrutura da moralidade (equivalente da intersubjetividade) já está lá.” (Bauman, 1998:212). Bauman não entende a moralidade como produto da sociedade, mas como algo que a sociedade manipula.

É válido ressaltar que, para Bauman, responsabilizar-se pelo outro não deve se ater a explicações de mau funcionamento da sociedade ou das deficiências em seus sistemas de justiça e segurança. Responsabilizar-se pelo outro é um dever de todo ser humano anterior a qualquer interesse, diferente de obrigação e antecede os processos societários: “A responsabilidade, esse tijolo constitutivo de todo comportamento moral, surge da proximidade do outro. Proximidade significa responsabilidade e responsabilidade é proximidade” (Bauman, 1998:212).

Outro aspecto importante em Bauman a respeito do estudo da Sociologia sobre a moralidade é que o autor segue a tradição da Teoria Crítica para pensar a questão, defendendo a necessidade ética e epistemológica de separar o bem ou mal das práticas culturais. Sendo as questões éticas referentes aos efeitos do relativismo 'radical', pois se considerarmos as questões morais como culturais, perde-se a possibilidade de contraposição aos valores entendidos como desumanos (Brito; Pontes, 2011), porque, por exemplo, se a cultura justificar tudo, em um lugar em que esquartejar pessoas na rua

seja parte da cultura local (e por isso deve ser naturalizado ou compreendido como cultural, já que faz parte da história e construção social daquele grupo) não caberá a crítica em relação a essas práticas, que em muitas outras sociedades é considerada desumana. Quanto às questões epistemológicas, é necessário separar a experiência moral da cultura porque as diferenciações entre os valores morais e outros tipos de valores, são estabelecidas pelos atores sociais e isso basta para a justificativa de uma diferenciação sociológica (Brito; Pontes, 2011).

É importante considerar também as perspectivas de Jeffrey C. Alexander, que diferente da tradição da Teoria Crítica, consequentemente de Bauman, entende que o mal, sob uma perspectiva sociológica, é só mais um problema que requer um significado cultural, para qual a Sociologia já tem o arcabouço teórico de interpretação necessário (Brito; Pontes, 2011). Alexander compreende o bem e o mal como resultado de disputas históricas, como processos, e nos leva a pensar que na história, se os vencedores fossem outros, talvez nossa noção de bem e mal fosse diferente, por exemplo, se os alemães tivessem vencido a guerra, será que veríamos hoje o holocausto como um grande mal? O autor defende que não há natureza do mal, mas processos que são classificados como bem ou mal, se aproximando da visão da Sociologia tradicional, que trata a experiência moral como construção social. Para além das perspectivas: tradicional, crítica e culturalista; há outras formas de tratar a moralidade no âmbito da Sociologia, a exemplo dos trabalhos de Luc Boltanski, Michéle Lamont entre outros que contribuem para o desenvolvimento teórico e metodológico do campo da moralidade, mas que não foram minuciosamente apresentados aqui por questões de recorte e pelo intuito de introduzir as discussões mais gerais de cada campo.

O grupo, as questões morais, a reunião e as emoções

O grupo que organizou o protesto na cidade de João pessoa, recrutou pessoas essencialmente pelas redes sociais, entre vários grupos do Facebook de âmbito nacional e local como, por exemplo, ‘Vem para rua’, ‘Revoltados Online’, ‘TV Revolta’, “Impeachment”, etc. Destaca-se, neste trabalho, o grupo ‘Voltados João Pessoa’ por ter, aqui no estado, se estendido das redes sociais para a liderança da organização do protesto na rua. Nestes grupos há fóruns de discussões e espaços para os membros

compartilhar e discutir informações, notícias, ideias, disseminar informações, organizar atos, entre outras coisas. A reunião deste grupo foi marcada no Espaço Cultural de João Pessoa, um dia antes da realização do primeiro protesto que pedia o impeachment da Presidente.

Minha aproximação com os ‘Voltados João Pessoa’ se deu por acaso quando fui passear pela orla da praia de Cabo Branco em João Pessoa com uma amiga. Ao chegarmos próximo da praia de Tambaú, percebi uma grande movimentação. Vi grupos de pessoas parando para falar com outras, entregando panfletos e chamando para conversar. Imaginei que fosse o de sempre: uma programação de alguma igreja ou algo do gênero. Mesmo assim, estava curiosa esperando que alguém se aproximasse de mim para poder explicar o motivo de tanta agitação. Continuamos nossa caminhada e conversa até surgirem dois jovens nos entregando panfletos.

Assim que recebi tais panfletos, sequer olhei para o papel. Continuei conversando até que observei a estranha imagem da presidente Dilma estampada em um deles. Li uma lista de coisas que, aparentemente, seriam as motivações da manifestação que pedia o Impeachment da Presidente, ainda em seus primeiros três meses de novo mandato. Nesta lista, as palavras corrupção e ódio que correspondiam a moral e emoções apareciam lado a lado, imediatamente entendi que falar com aqueles distribuidores dos panfletos seria útil para iniciar minha pesquisa sobre moralidade e corrupção. Corri, literalmente, atrás dos rapazes que me deram os papéis, me apresentei como estudante de Sociologia, que estava fazendo uma pesquisa sobre moralidade e corrupção. Passei a fazer perguntas sobre eles, sobre as manifestações, como se organizavam, se eu podia participar. Um dos rapazes respondia com facilidade, o outro ficou muito desconfiado, tentando se livrar da conversa e disfarçando ocupação no celular.

Logo depois que me despedi dos rapazes, encontrei outras pessoas panfletando na orla. Estes estavam uniformizados com camisas e bonés do protesto: camisas amarelas e azuis, com frases do tipo ‘Fora Dilma e leve o PT junto’, ‘Impeachment Já’. Também me aproximei deles, dessa vez não falei que era estudante, mas fui perguntando como eles se articulavam, se eu poderia participar como se quisesse fazer parte do grupo. Havia uma mulher de mais ou menos quarenta anos, com sua filha e esposo, dois jovens de mais ou menos vinte e cinco anos e depois se aproximou outro

jovem de mais ou menos trinta anos (que iria descobrir depois se tratar do líder da organização). Eles foram simpáticos, falaram que a organização se dava principalmente pelas redes sociais, que eles se comunicavam bastante por grupos criados nas páginas sociais da internet e também por aplicativos de celular. Pedi para ser inserida nessas redes e de imediato a resposta foi positiva. Nelas os participantes disseminavam informações referentes às questões políticas do país e das manifestações, havendo, próximo aos protestos, reuniões presenciais para definir questões como panfletagem, aluguel do carro de som, pedidos de autorização, como se daria o ato, etc.

Estas pessoas me convidaram para ir à última reunião pré-manifestação do dia 15 de Março, que seria no dia seguinte, um sábado às 15 horas, no ‘espaço cultural’ em João Pessoa. prontamente aceitei o convite e garanti presença. Despedi-me deles e continuei meu passeio na orla, onde fui encontrando mais pessoas com camisas padronizadas entregando panfletos. Não pude deixar de notar algumas conversas sobre a repercussão da panfletagem, ouvi coisas como: ‘tem muito petista viu, tem gente que nem olha e já recusa logo ou amassa o papel’; e também coisas como: ‘as pessoas estão muito revoltadas mesmo, tem gente que pega e diz que fará questão de vir’. Não deu para ter uma noção clara de como estava sendo a repercussão da entrega, mas pude ouvir relatos de seus sucessos e insucessos.

Após um tempo, voltei pelo mesmo percurso da orla e reencontrei as pessoas que me convidaram para a reunião. Não apenas me reconheceram, acenaram e um dos jovens, o líder, gritou: ‘ei Socióloga, nos encontramos amanhã, às 15!’. Sorri e confirmei. Só depois lembrei que, para aquele segundo grupo, eu não tinha me apresentado como estudante de Sociologia! Impressionou-me como as informações corriam rápidas entre eles, e, também, que eles tinham ficado desconfiados do meu interesse nos protestos. Isso é verdadeiro já que até hoje nunca cumpriram o prometido de me inserir em suas redes de comunicação. Ficou imediatamente claro que seria extremamente difícil parecer apenas uma participante.

Para uma compreensão maior em relação a minha aproximação, é importante explicar que estive com membros do grupo em quatro momentos: 1º O dia que os encontrei panfletando na orla da praia. 2º Me apresentando como pesquisadora e conversando com alguns membros momentos antes de começar a ultima reunião marcada para organização do protesto. 3º Estive presente durante esta última reunião. 4º

Estive presente durante o protesto.

No dia 14 de Março de 2015, compareci ao espaço cultural, local onde foi marcada a ultima reunião que antecederia a manifestação do dia 15 de Março. Nessa ocasião tive o segundo e o terceiro momento de aproximação com o grupo. Compareci lá às 15 horas, horário marcado para o início da atividade. Até às 15h30min, era a única no local a esperar pelo grupo. Fiquei aguardando e por volta das 16 horas chegaram as primeiras pessoas, reconheci pelas camisas e pelo casal que tinha encontrado na noite anterior.

Nesse momento, antes da reunião, tive o meu segundo momento de aproximação com o objeto de estudo. Cheguei perto das pessoas e fui cumprimentada por todos, até pelos que eu não tinha encontrado no dia anterior. Observei que eles não só já aguardavam minha presença, como tinham se preparado para lidar comigo. Ao começar a conversar e me apresentar como pesquisadora, as pessoas já foram me dizendo que apenas o líder do grupo falaria comigo e só ele poderia me ajudar com as informações. Percebi que a informação circulava rápido entre eles e compreendi porque no dia anterior o líder já sabia que eu era estudante de sociologia antes que eu lhe dissesse. Acredito que na hora em que abordei os dois jovens que entregavam os panfletos na orla, estes já se comunicaram em suas redes de articulação, que havia uma estudante ‘comunista’ que queria entrevistá-los (como o líder do grupo me descreveu num outro momento).

Havia desconfiança no grupo de que eu fosse uma ‘petista infiltrada’, o que causou dificuldades no início da aproximação. Algumas pessoas eram mais simpáticas, outras mais distantes. Mesmo sem a presença do líder, insistir em conversas informais com o grupo e consegui obter informações de nove pessoas que se encontravam no local. Não foi possível realizar uma gravação, dado o nível de desconfiança, mas pude fazer anotações das falas, nomes, idades, religião e formação acadêmica. No momento em que estava fazendo perguntas, todos ficavam atentos. Deixava-os falar e anotava o máximo que conseguia. Percebi que, enquanto alguns se soltavam, outros me observavam com desconfiança. Perguntei coisas como: ‘por que você está participando desse grupo?’; ‘como você chegou até o grupo?’; ‘o que é corrupção?’; ‘se acontecer o impeachment os problemas do Brasil serão resolvidos?’; ‘o que vocês esperam com esse ato de amanhã?’. Eles foram respondendo:

T. C., 31 anos, cristã, Publicidade e Propaganda em andamento:

Conheci o grupo por redes sociais. Estamos aqui para organizar para amanhã. Queremos o país limpo, verdadeiro. Somos contra a tudo isto que está aí. Impunidade, mudanças das leis, piorou com o governo atual. Melhor que ficar parado olhando é ir lutar, quero um país mais limpo com mais transparência e menos hipocrisia.

Combater a corrupção aparece como o principal argumento de justificativa de mobilização e está presente de forma direta ou indireta em todos os discursos que serão aqui ilustrados. Desse argumento vêm as ideias de “país limpo”, “verdadeiro” que são fundamentadas em valores morais correspondentes aos ideais do *povo/cidadão brasileiro imaginado* que está sendo constituído e confirmado nos discursos do grupo. É válido salientar que é *imaginado* no sentido de *comunidade imaginada* que Anderson (2008) alocou: a comunidade formada por indivíduos que, ainda que nunca se conheçam integralmente, compartilham símbolos e signos comuns, assim desenvolvendo entre eles um sentimento de pertença a um mesmo espaço imaginário.

Tal sentimento de pertença forma *comunidades imaginadas* que existem devido a uma “camaradagem horizontal” enviesada bem mais em construções culturais, que políticas. Desta forma, explica Anderson, o arcabouço cultural que envolve uma determinada *comunidade imaginada* como, por exemplo, romances, jornais, publicações, informações em geral que circulam entre o grupo acaba por criar uma “ligação invisível” e simbólica entre pessoas que dificilmente teriam alguma semelhança cultural. As redes então se formam no âmbito da difusão de informações, criando vínculos e fundamentando o pensar “estar junto” que existe na mente dos que se reconhecem como parte de um grupo. Assim os manifestantes de João Pessoa se mostram como pertencentes a esta *comunidade imaginada* por compartilhar da mesma motivação, emoções, sentidos e símbolos, por se apresentarem como um “nós”, partilharem das mesmas fontes de informações, entre outros elementos, que têm tornado possível compreendê-los como esta *comunidade imaginada de povo/cidadão brasileiro* que esta sendo construída.

Quando T.C. fala em ser *contra tudo isto que está aí*, apresenta uma das principais justificativas usadas pelo grupo, ao serem indagados sobre sua participação nos

protestos. Essa frase é tão recorrente nos discursos, quanto o uso do moralismo e dos escândalos noticiados pelas mídias como fundamento de críticas. Sobre os escândalos, é importante ressaltar a ideia de um “regime de verdade” referida por Grün (2011) em suas análises: os jornalistas, a imprensa em geral, alguns indivíduos, grupos políticos e etc. que se constituem como “agentes dos escândalos” (por cria-los, caça-los, difundir-los), ao formularem suas pautas, fundamentando-as em suas percepções sociais. Acabam por selecionar fatos e versões que vão de encontro aos seus interesses, assim como descartam episódios que venham a tirar o foco dos escândalos, isso configura o “regime de verdades”, que traz consigo a necessidade de um “paladino da justiça” para desbancar o indivíduo com a reputação manchada. Junto à construção da imagem de *povo/cidadão brasileiro*, ser *contra tudo isto que está aí* e imputar um “regime de verdades” pautado nos escândalos midiáticos como argumentação ou justificativa, aparecem como fundamentais nas falas das pessoas do grupo:

L.B., 15 anos, cristã, Ensino Médio em andamento:

Estou indignada com tudo isto que está aí. Vim participar com meus pais. Políticos roubando muito. Faltam investimentos para o bem da população.

Nessa fala também é presente a indignação *com tudo isto que está aí*, que é usada, sobretudo em referência a corrupção, e, como na fala anterior, há também ausência de especificação do que seria este “tudo isto que está aí”. Na frase *políticos roubando muito* é possível pensar no uso dos escândalos midiáticos como base de crítica e argumentação, assim como a parte em que diz que *faltam investimentos para o bem da população* nos possibilita associar a ideia do “regime de verdade”, pois aparenta ser uma frase pautada em informações veiculadas e difundidas sem maiores discussões ou reflexões, tendo em vista a existência de dados sobre investimentos em diferentes segmentos sociais, que de alguma forma resultam em benefícios para população. Esse padrão de não especificar o que se está combatendo ou propondo, de usar argumentos morais, escândalos e “regime de verdade” se faz presente na maioria das respostas do grupo ‘Voltados João Pessoa’:

K. A., 26 anos, cristão, graduação de Biologia em andamento:

Vim para o grupo através das redes sociais. Os roubos não são investigados e ficam impunes. Sempre vi falando na televisão sobre corrupção e de lá para cá nada foi resolvido, isso vai indignando cada vez mais.

A corrupção como despertar da emoção indignação também se faz presente nessa fala, que cita diretamente a mídia televisiva como base de suas afirmações e fonte de informações. Isso nos possibilita pensar novamente nas reflexões de Grün (2011) em relação aos escândalos e como estes desgastam a imagem de alguém e traz a tona um sentimento de necessidade de “paladinos da justiça”. Assim como se constituem os “regimes de verdade” diante da seleção e entonação que se dá aos fatos, pois existem as investigações e penas de casos de denúncias de corrupção, inclusive as especulações sobre estas investigações fazem parte da fundamentação dos argumentos dos manifestantes “Fora Dilma”. Então K.A. diz que *os roubos não são investigados e ficam impunes* se baseia e faz uso de informações selecionadas.

R. A., 27 anos, cristão, formação técnica em Teatro:

Vim participar do grupo através de contatos nas redes sociais. Sobre a corrupção, eu acho que a convivência, a pressão sofrida no congresso, acaba corrompendo, as pessoas fazem vista grossa para as coisas erradas. Já venho acompanhando há um tempo já venho defendendo minha cidade, meu estado e agora estou envolvido neste grupo para defender o meu país contra todos os aumentos e esses escândalos que estão aí. Antes da lei Maria da Penha, eu acho que as mulheres morriam menos. O homem agora não dá só um murro numa mulher, ele mata logo, pra não ser preso. Antes dessa lei havia menos morte. Esse governo ta trazendo ódio entre as pessoas, entre as classes, negros e brancos, héteros e homos, pobre e rico, homens e mulheres.

Além de conter a emoção indignação contra corrupção como motivação e os escândalos morais como justificativa, essa fala traz uma questão que demonstra a leitura do entrevistado em relação às mudanças nas leis que estendem direitos a segmentos sociais com menor representação política, também a algumas políticas sociais do governo. Essas leis têm sido criadas ou mudadas a fim de alcançar as chamadas minorias políticas do Brasil, como, por exemplo, as leis sobre direitos da comunidade gay, da violência contra mulher e as políticas afirmativas e sociais que englobam raça e classe social. R.A. menciona essas questões como forma do governo incitar o ódio entre

estas minorias e os segmentos da sociedade que têm uma maior representação política. Como se a criação e extensão destas leis fossem a causa dos conflitos sociais, desenhando uma imagem de que antes destas mudanças, que vieram junto com governo atual, não existia no Brasil conflitos entre classes, raça, sexualidade e gênero. Essa fala nos permite perceber o direcionamento ideológico que é de reações às mudanças sociais, conservadorismo e certo saudosismo de momentos em que as leis e direitos tinham menor alcance para grupos à margem da representação política. Essas questões são mencionadas com certa recorrência entre os manifestantes:

L. A., 30 anos, cristã, dona de casa e empresária, Ensino Médio completo:

Fui convidada para o grupo, estou indignada. Lá fora, em países como os Estados Unidos tudo é melhor, porque aqui não pode ser? Muita gente pobre de bolsa família também está contra Dilma. Aqui ninguém está sendo financiado por nenhum partido não, cada um que colaborou com uma quantia para fazer as camisas. A RDN vai se juntar, mas o trabalho é voluntário. Nós refletimos os anseios da população brasileira, o importante é ir e mostrar. O governo atual investe no ódio de classes, incentiva o ódio de homossexual contra homossexual, pobre contra rico, sul contra nordeste, branco contra negro, por conta dessas leis aí, como do feminicídio, Maria da penha...

L.A. também fala sobre o governo incitar o ódio entre as classes sociais e assim como no discurso anterior, faz uso da extensão e criação das leis e políticas sociais para justificar essa afirmação. Há novamente neste fragmento um desenho dos *anseios da população brasileira* que estes manifestantes afirmam que refletem. Querem e propõem um Brasil ‘novo’, uma mudança, mas pautados em valores morais e projeções políticas velhas e conhecidas. Diante dessa ideia de que antes do governo atual não existiam os conflitos entre classes, gêneros, raças, e, também para solidificar a afirmação de que esses ideais de ‘novo’ são velhos e conhecidos, se faz pertinente mencionar as reflexões de Jessé Souza (2011) quando ele fala da *parte de baixo da sociedade brasileira*, nesse texto o autor reflete sobre conflitos de classe e também sobre o “moralismo seletivo travestido de ciência e da “ordem liberal” no Brasil” (Souza, 2011:2). Ele explica que existe uma ligação orgânica entre o patrimonialismo estatal e o racismo de classe contra as classes populares entre nós e isso se dá pela relação seletiva de uma “ética” que só visa a corrupção no Estado e condena as classes populares como “antiéticas” por

apoiarem o Estado atuante. Isso permite unir os temas patrimonialismo e racismo das classes privilegiadas, que têm como fundamento um moralismo seletivo que se apresenta como ciência da ordem liberal no país.

Souza explica que há por parte da ciência social dominante a ideia baseada no “mito da brasilidade” encabeçado por Gilberto Freyre e disseminada entre outros influentes cientistas nacionais de que o brasileiro é um tipo particular. O autor usa a explicação de Sergio Buarque de Holanda em *raízes do Brasil*, de que a herança ibérica fez do brasileiro cordial, emotivo, aberto ao outro e isso traz atrasos no trato a economia e na vida política (Souza, 2011:1). Souza aponta esse pensamento como o início da ideia que os Estados Unidos é a terra da eficiência e racionalidade, das pessoas incorruptíveis e confiáveis, enquanto o Brasil é cordial, sempre voltado a sacrificar seus interesses públicos e racionalidade em detrimento dos amigos e interesses próprios, “a idealização ingênua e infantil dos EUA como terra da confiança interpessoal e das pessoas incorruptíveis será o contraponto que permitirá se travestir a teoria mais conservadora dos interesses liberais em uma teoria supostamente crítica” (Souza, 2011:1). A fala de L.A. inicia fazendo jus a essa reflexão, quando ela indaga: *lá fora, em países como os Estados Unidos tudo é melhor, porque aqui não pode ser?* Há claramente uma compreensão de que tudo funciona com perfeição nos Estados Unidos, que é mencionado por seu liberalismo econômico. Prova disso é que logo em seguida ela cita em tom de crítica uma política social do governo onde o Estado intervém financeiramente numa questão social.

Sobre o racismo de classe, Souza alega que a influência da “ordem liberal” na análise da vida social e política do Brasil, faz uso das mesmas categorias tanto para sugerir a “superioridade moral” americana e do mercado desenfreado, como para alegar as que classes superiores brasileiras são “éticas”, enquanto as populares não têm capacidade para um “comportamento moral” e “solidariedade efetiva”:

Todo esse arsenal interpretativo está hoje em dia a serviço do (des)conhecimento e do preconceito contra as classes populares no Brasil, tanto em relação ao que chamo provocativamente de “ralé” quanto, também, em relação aos “batalhadores” da chamada “classe C”. É precisamente o obscurecimento sistemático de todo conflito de classes entre nós, em nome da falsa oposição já naturalizada entre mercado e Estado, que abre espaço para um “economicismo liberal” que desconhece a produção sociocultural de indivíduos diferenciais por heranças de classe distintas. A percepção equivocada da “classe

C” como classe média, ou seja, como classe privilegiada, mediante mero aumento do potencial de consumo e renda, reflete, precisamente, esse desconhecimento. Os preconceitos que a envolvem, e a negação pura e simples da classe de abandonados sociais, criada por uma sociedade injusta, também decorrem do mesmo contexto. São essas ideias, afinal, que selecionam e constroem um mundo que vai guiar a ação de governo, mídia, mercado, indivíduos e classes sociais. Por conta disso vale a pena criticá-las em detalhe (SOUZA, 2011:1).

Nesse fragmento o autor nos leva a refletir sobre as bases destes discursos fincados em um ideal de “ética” fundamentada nos preceitos do liberalismo americano e como isso resulta em preconceitos e resistência quando estratos sociais marginalizados passam a competir e ganhar espaços que antes eram restritos as classes mais privilegiadas. No Brasil as extensões de direitos e políticas sociais possibilitaram uma maior representação política das classes e grupos menos favorecidos. Como vimos nas duas ilustrações apresentadas, isso tem sido interpretado pelos manifestantes “Fora Dilma” como se o governo estivesse incitando o ódio e criando conflitos que não existiam entre as classes, gêneros e raças. Isto nos possibilita perceber que enquanto estes manifestantes se mostram liberais na economia, defendem valores morais conservadores, o que é mais uma característica que eles têm em comum com a antiga União Democrática Nacional:

Coexistiram, na UDN, algumas teses liberais e progressistas, com outras ostensivamente reacionárias e antidemocráticas. O partido que vota a favor do monopólio estatal do petróleo e contra a cassação dos mandatos dos parlamentares comunistas, é o mesmo que se opõe à intervenção do Estado na economia e denuncia, às raias do absurdo, a "infiltração comunista" nos setores da vida pública (BENEVIDES, 1981:4).

Diante do exposto é possível estranhar a proposta de ‘novo’ e de ‘mudança’ presente nos discursos dos manifestantes, pois são fundamentados em ideias reconhecidos na história política do país. Para endossar estas questões, segue mais uma ilustração, onde há novamente a menção aos Estados Unidos como referência de eficiência:

A. B., 17 anos, cristã, Ensino Médio em andamento:

Corrupção é o que mais temos no Brasil, pagamos impostos muito altos, além da inflação. Essa é a primeira manifestação que eu participo, fui convidada por um amigo em um grupo das redes sociais.

O Brasil tem que acordar, as coisas não estão boas, está tudo muito alto. Americano paga só 1, 34 Dólar de Gasolina, aqui a gente paga 3 reais, trabalhamos para sustentar governadores e deputados. O povo unido jamais será vencido.

Diante das falas expostas, é possível perceber as recorrências da defesa e influência do liberalismo nos discursos, a justificativa de mobilização pelo combate a corrupção, a defesa dos valores morais conservadores, dos argumentos fundamentados nos escândalos midiáticos, da criação dos “regimes de verdade” e das emoções como impulsionadoras – que, como já mencionado, são elementos também encontrados nos discursos da UDN. Além destas questões, há outra característica comum que os manifestantes “Fora Dilma” têm com a UDN, que é a preocupação com a “ameaça vermelha”. No pós 1945 havia a existência e fortalecimento da União Soviética e dos partidos comunistas, que, naquele contexto expunha uma projeção política e ideológica em disputa. Desta forma, mesmo que usada por um viés moral, era compreensível a preocupação com a propagação do comunismo, que devido ao momento da política mundial aparentava ser uma possibilidade viável. Considerando isso, refletindo sobre a conjuntura atual, se faz importante tentar compreender como e porque essa preocupação ainda é recorrente nos discursos dos manifestantes “Fora Dilma” de 2015, tendo em vista que não existe mais um bloco comunista:

L. C., 37 anos, cristão, promotor de justiça, formado em Direito:

Corrupção é uma coisa nojenta, causa asco, merece ser repudiada. Sou contra ao governo desde que comecei a estudar geopolítica e perceber o alinhamento internacional brasileiro, com países como Irã, Rússia, China, são países totalmente sem liberdades, verdadeiras ditaduras. Receio que o Brasil também se torne uma ditadura comunista, com repressões a liberdade de expressão. O povo tem que entender que corrupção vai além do desvio de verbas, furar fila, desrespeitar direitos, isso também é corrupção. Esse é o primeiro protesto que participo me aproximei do grupo pelas redes sociais. O Brasil arrecada muito dinheiro, mas a distribuição de renda é muito ruim com o PT. O PSDB também é Socialista, mas é menos radical.

Esse fragmento demonstra o medo atual de uma “ameaça comunista” no Brasil, mas compreender que isso se explica apenas pelas relações econômicas com

determinados países não é suficiente, tendo em vista que o mesmo ocorre com os Estados Unidos, por exemplo, o país modelo em eficiência e ideologia econômica para estes manifestantes. O discurso anticomunista está sempre atrelado a questões morais, também a críticas aos partidos populares (no sentido de representantes de grupos menos favorecidos e provedores de políticas sociais) ditos de orientação política de esquerda que chegaram aos poder. Vejamos mais uma fala que reitera essa preocupação:

G. A., 19 anos, cristão, graduação de Matemática em andamento:

Participo do grupo Voltados João Pessoa, nos mobilizamos em âmbito nacional. Temos o propósito de unificar os movimentos contra Dilma e contra o PT. Sou anti-esquerda, social democrata, sou contra a fraude eleitoral criada pelo PT, mentiras do partido, populismo, comunismo, bolivarianismo e tiro minhas informações de estudos e internet. O PT é corrupto, é um perigo essas alianças com a América Latina... Sou contra tudo, sobretudo a inconstitucionalidade do PT.

Quando G.A. fala de fraude eleitoral criada pelo PT, se remete as políticas assistencialistas que são interpretadas por alguns como compra de votos, a exemplo, o bolsa família. Seus críticos alegam que com medo de perder o benefício, as pessoas que dependem destas políticas sempre votarão no governo que as criou e isso configura uma fraude eleitoral. Como a UDN, esse entrevistado traz na sua fala o fato de ser contra o populismo e, além de outras coisas, faz menção as alianças do governo brasileiro com outros países da América Latina. Algo importante a ser considerado para esta análise, é que o grupo ‘Voltados João Pessoa’, aponta como principal fonte de informação o Olavo de Carvalho que é um filósofo e Jornalista que escreve artigos e ministra cursos online, mora nos Estados Unidos e tem vários admiradores e seguidores, inclusive vinculados aos canais midiáticos de grande alcance (Pinheiro, 2014). Ele é referência nessas manifestações devido a análises que faz em relação ao comunismo, orientação política de esquerda e o governo atual do Brasil:

De acordo com Olavo de Carvalho, o esquerdismo vai muito além da política. Toda a cultura está tomada pelo marxismo cultural e a inversão de valores por ele efetuada. O pensamento e os slogans da esquerda são hegemônicos e constituem, assim como o PT, parte de um processo para implantar o comunismo na América Latina via o Foro de São Paulo, organização que reúne os principais partidos e movimentos de esquerda no continente (Pinheiro, 2014).

Não é incomum achar durante as manifestações “Fora Dilma” cartazes escritos “Olavo tinha razão”. Temas como nova ordem mundial, conspirações, comunismo e coisas afins são amplamente disseminados por Olavo de Carvalho e seus seguidores, principalmente via internet, e, como podemos perceber com as ilustrações, ecoam nos discursos dos manifestantes:

L. D. 20 anos, cristão, graduação em Direito em andamento:

A gente tira as informações dos jornais, televisão, na internet, contatos internos do congresso, Olavo de Carvalho entre outras fontes. Queremos mudar moralmente o Brasil, mudar a cabeça das pessoas, fiscalizar as coisas. Temos o objetivo de tirar esse governo do poder e para isso continuaremos numa luta constante. O PT sair do governo é o primeiro passo para melhorar as coisas, depois temos que brigar com o outro governo. Somos contra o governo, contra toda essa corrupção que aí está! O PT surge do Foro de São Paulo, que tem ligação com as FARCS e o tráfico de drogas.

Nesse fragmento, não só há a afirmação de Olavo de Carvalho como fonte, como há consonância do discurso com a citação que ilustra as colocações do mesmo em relação ao PT e ao Foro de São Paulo. Algo similar é encontrado na descrição do grupo ‘Voltados João Pessoa’:

Olá pessoal. Somos do VOLTADOS JOÃO PESSOA. Esta página foi concebida a partir da primeira manifestação anti-governista ocorrida em João Pessoa no dia 15 de novembro último. Somos estudantes, profissionais liberais, funcionários públicos e pais de famílias. Entendemos que nossa obrigação é questionar, através da conscientização, o FORO DE SÃO PAULO e suas implicações. Nosso objetivo principal é possibilitar ao público o acesso, de forma clara e responsável, a informação sobre questões como a Revolução Gramsciana, Revolução Cultural, multiculturalismo, doutrinação revolucionária em nossas escolas e universidades, relativismo ético-moral, Nova Ordem Mundial. Acreditamos nos valores tradicionais, na fé cristã e nas liberdades individuais quer seja, religiosa, política, intelectual, acadêmica, econômica. Entendemos a conscientização como veículo facilitador de mudanças e transformações e no indivíduo como agente reprodutor de valores éticos e morais. Não incentivamos nenhuma forma de separatismo, radicalismo, intervenção militar ou preconceito, ao contrário, defendemos e acreditamos na união, na família e na manutenção das instituições constituídas (Voltados João Pessoa, 2015).

Além das muitas menções indiretas as ideias de Olavo de Carvalho, é nítida nesta

descrição a defesa dos valores morais cristãos em detrimento do que eles entendem por *doutrinação revolucionária em nossas escolas e universidades*. Eles apresentam o desejo de *conscientizar* as pessoas sobre as questões que acreditam esta por traz da política do país. Falam em *Revolução Cultural, gramsciana*, pois acreditam serem elementos algozes dos valores tradicionais. O grupo se posiciona claramente em defesa do conservadorismo no âmbito moral, político e social, o que pode ser compreendido com base na seguinte reflexão:

O conservador vê sua luta antes de tudo como uma guerra cultural. Por isso, a preocupação especificamente política, quando vai além da mera oposição ao PT, se foca em questões pontuais: aborto, casamento gay, drogas, armas, defesa da família e da religião. Isso acaba dando ao movimento o aspecto de reacionarismo ideológico que ele tanto quer evitar (Pinheiro, 2014).

A descrição do grupo de fato tenta evitar um reacionarismo quando se dizem contrários a preconceitos, intervenção militar, radicalismos. Porém, eles não percebem que estas questões estão atreladas a outras partes de seus discursos, pois ao falar em manter e defender os valores tradicionais, se pondo contra o que eles chamam de *revolução cultural* (que são mudanças sociais que muitas vezes correspondem a extensão de direitos e políticas que alcançam estratos sociais marginalizados) eles acabam se posicionando em combate a muitas *liberdades individuais* que dizem ser favoráveis. Isso pode ser percebido nos fragmentos analisados a cima, que nos ajudam a entender com mais amplitude as questões presentes na descrição dos ‘Voltados João Pessoa’.

Após conversar com estas pessoas, chegou o líder do grupo que havia orientado os demais a não falarem comigo em sua ausência, para que eu não obtivesse informações privilegiadas. Ele se dispôs a conversar inicialmente só com anotações e depois permitiu que eu gravasse a sua fala. Enquanto eu conversava com o líder, pude perceber, entre o restante do grupo que esperava pela reunião, certo receio em relação a minha permanência durante a reunião. Eles não chegavam a um acordo sobre minha participação, algumas pessoas se demonstravam radicalmente contra, afirmando que apenas a conversa que estava tendo com eles deveria ser o suficiente, outras eram indiferentes.

Para tentar não alterar tanto a programação deles, nem causar problemas, falei

para o líder que não precisaria participar. Ele disse que compraria essa briga e que queria que eu participasse sim. Pediu-me desculpas por ter falado para o restante do grupo não conversar comigo em sua ausência, e também por ter falado para os demais que eu era ‘mais comunista que Karl Marx’ (ele me julgou assim, com o apoio do grupo, por eu ser estudante de Sociologia e segundo o mesmo, pela minha aparência, jeito de falar e vestir). Antes de ilustrar a conversa com o líder, é relevante relatar que alguns dias depois das manifestações, ele passou a me fazer convites para sair, percebi que os interesses dele iam além da colaboração com minha pesquisa e recusei. Penso que esse seja o motivo pelo qual ele passou a me aceitar minha participação durante a reunião, ‘comprando a briga’ de me manter presente, mesmo com a desaprovação de alguns membros do grupo. Tendo isto esclarecido, em conversa com o líder, que se deu as vistas do restante dos manifestantes e durou mais ou menos vinte minutos, ao perguntar sobre o grupo, ele respondeu:

A.G., 29 anos, cristão, autônomo, formado em Direito:

Unimos este grupo via redes sociais. A esquerda quer destruir os valores judaicos cristãos. A corrupção sempre existiu, assim como a honestidade, o relativismo é indecente! A escola de Frankfurt, que é uma escola doutrinária que rege a esquerda, se propôs a destruir tudo o que existe no momento, corromper as mentes e a formação cultural das pessoas, não apenas corromper financeiramente. Marcuse, da escola de Frankfurt, diz numa frase que é necessário corromper a sociedade de todos os valores, a esquerda se alimente disso. Sempre houve quem financiasse os movimentos revolucionários de esquerda, Karl Marx era financiado. O Foro de São Paulo é ligado ao PT e visam o desmanchamento dos serviços públicos. O PT quer acabar com tudo. O PT não trabalha para o Brasil, é financiado por interesses de pessoas com muito dinheiro e que visam corromper culturalmente a sociedade.

Nesse primeiro momento da fala do líder, pude perceber quão incomodados os manifestantes “Fora Dilma” estão em relação às transformações sociais que se distanciam dos valores tradicionais religiosos e que isso causa uma reação movidos pelas emoções, como indignação, raiva. Eles compreendem essas mudanças como parte de “um plano” para o que eles chamam de *corrupção cultural e moral* da sociedade e atrelam esse plano as líderes e intelectuais de posicionamentos políticos ideológicos de esquerda, com influência marxista. Como mentores desse plano de corromper a

sociedade brasileira, eles elegem o PT, sobretudo o ex-presidente Lula e a atual presidente Dilma Rousseff. Essas ideias que aparecem não só na fala deste grupo, do líder, e fomenta o medo de uma “ameaça comunista” no Brasil são alimentadas por Olavo de Carvalho e isso pode ser comprovado com base em fragmentos de um de seus textos publicados em seu site pessoal²:

[...] O que veio a se chamar “Escola de Frankfurt”: um “think tank” marxista que, abandonando as ilusões de um levante universal dos proletários, passou a dedicar-se ao único empreendimento viável que restava: destruir a cultura ocidental. Na Itália, o fundador do Partido Comunista, Antônio Gramsci, fôra levado a conclusão semelhante ao ver o operário trair o internacionalismo revolucionário, aderindo em massa à variante ultranacionalista de socialismo inventada pelo renegado Benito Mussolini. Na verdade os próprios soviéticos já não acreditavam mais em proletariado: Stálin recomendava que os partidos comunistas ocidentais recrutassem, antes de tudo, milionários, intelectuais e celebridades do “show business”. Desmentido pelos fatos, o marxismo iria à forra por meio da auto-inversão: em vez de transformar a condição social para mudar as mentalidades, iria mudar as mentalidades para transformar a condição social. Foi a primeira teoria do mundo que professou demonstrar sua veracidade pela prova do contrário do que dizia. Os instrumentos para isso foram logo aparecendo. Gramsci descobriu a “revolução cultural”, que reformaria o “senso comum” da humanidade, levando-a a enxergar no martírio dos santos católicos uma sórdida manobra publicitária capitalista, e faria dos intelectuais, em vez dos proletários, a classe revolucionária eleita. Já os homens de Frankfurt, especialmente Horkheimer, Adorno e Marcuse, tiveram a idéia de misturar Freud e Marx, concluindo que a cultura ocidental era uma doença, que todo mundo educado nela sofria de “personalidade autoritária”, que a população ocidental deveria ser reduzida à condição de paciente de hospício e submetida a uma “psicoterapia coletiva”. Estava portanto inaugurada, depois do marxismo clássico, do marxismo soviético e do marxismo revisionista de Eduard Bernstein (o primeiro tucano), a quarta modalidade de marxismo: o marxismo cultural. Como não falava em revolução proletária nem pregava abertamente nenhuma truculência, a nova escola foi bem aceita nos meios encarregados de defender a cultura ocidental que ela professava destruir (Carvalho, 2002).

Embora essas ideias de Olavo de Carvalho estejam diluídas também nacionalmente, pois ela vai de encontro à defesa dos valores e moral religiosa, elas aparecem com mais clareza entre os ‘Voltados João Pessoa’, que demonstram um interesse particular em relação a teorias conhecidas como conspiracionistas, a exemplo das teorias sobre *nova ordem mundial*. Esse trecho do texto de Olavo é praticamente repetido tanto na descrição dos ‘Voltados João Pessoa’, como na fala do líder, que ainda

² <http://www.olavodecarvalho.org/semana/06082002globo.htm>

sobre o grupo discursou:

Nós temos um grupo aqui em João Pessoa chamado ‘Voltados João Pessoa’. De onde surgiu? Fizemos uma manifestação ainda antes das eleições, protestando contra essa empresa venezuelana, que detém 26 por cento das ações dessa empresa que realizou as apurações das eleições aqui, ou seja, um governo estrangeiro influencia diretamente na apuração das eleições do Brasil; não é apenas uma empresa estrangeira, é um governo estrangeiro, o governo venezuelano. Por sorte essas máquinas smartmatic, foram buscar onde? No ápice da tecnologia, em Cuba. É um soft cubano e as ações são do governo Venezuelano, 26%, são sócios majoritários, inclusive. E tudo isso tem o Foro de São Paulo por trás destas coisas. A gente se reuniu antes ainda dos resultados das eleições para mostrar e protestar. O nosso objetivo maior é a conscientização das pessoas. Daí surgiu a formação do grupo e escolhemos este nome, porque tem um grupo a nível nacional chamado revoltados online, aí falaram: - coloca revoltados online João Pessoa! Aí eu como tenho o papel de liderança e acho que pessoalmente revolta é coisa do Diabo, pois eu tenho uma tese que explica que o Lúifer foi o primeiro Justin Bieber da história, pois o cara morava no céu, era músico e pagou de revoltado então... é um Justin Bieber (risos). Então, eu não gosto dessa palavra revolta, eu não gosto como a esquerda gosta de provoca revoltas e tal... então nós não somos revoltados, somos voltados contra a situação, o que faz uma pequena diferença, mas faz. Essa pequena diferença para a gente é o que importa. Aí criamos este grupo, com o objetivo muito maior de conscientização do que qualquer entidade política[...] Não que sejamos contra partidos, partido faz parte da democracia. Porém, no governo, estes que aí estão a grande maioria fazem parte do Foro de São Paulo e os que não fazem... fazem parte por omissão.

Entre o relato sobre a história do grupo, o líder novamente repete ideias difundidas por Olavo de Carvalho sobre as eleições terem sido fraudadas por meio de um vídeo disseminado nas redes³. Esse vídeo foi gravado em uma espécie de palestra na cidade de Washington, nele Olavo discursa sobre corrupção, as máquinas Smartmatic e sobre o Foro de São Paulo, novamente fundamentando-se na ideia de que existe um plano do “marxismo cultural” para acabarem com a cultura ocidental, os valores e moral cristã, apontando a ideologia de esquerda e o comunismo como uma ameaça atual e possível. Nas redes sociais, entre os grupos de manifestantes “Fora Dilma” essas ideias são tratadas como verdades e chegam a ser difundidas também em outras mídias, por jornalistas e colunistas que fazem cursos online com o Olavo de Carvalho, por isso têm um alcance significativo e cria seus “regimes de verdade”.

Após terminar esta conversa com o líder, ele foi chamado à reunião (que iniciou às 16 horas e durou até às 18h20min) e fez questão que eu presenciasse, assim tive o

³ https://www.youtube.com/watch?v=TL0_fBWfvFg

meu terceiro momento de aproximação com o grupo. Isso resultou em certo desconforto entre eles, também na coleta de mais dados. Eles não tinham pautas organizadas, estavam vendendo camisetas e bonés para manifestações, havia caixas com panfletos por lá, faixas e cartazes confeccionados e aproximadamente trinta pessoas.

Quando apareci na reunião com o líder, houve questionamentos em relação a minha presença por um homem o qual eu não tinha tido contato algum antes. Este homem perguntou por que eu tinha que participar, e, o líder respondeu que ninguém tinha nada a esconder, eu era uma estudante que os procurou com muita educação e honestidade, por isso não havia motivos para vetar minha participação. Eu permaneci com eles a contra gosto de alguns. Havia quem entendesse que eu era uma repórter, algumas pessoas me mencionavam nas falas, como se eu fosse testemunha ou legitimasse o que estava sendo dito. Outros usavam minha presença para tolher alguns acontecimentos da reunião, como discordância entre os membros, por exemplo. Por mais de uma vez eles falaram: ‘gente, se comportem, logo hoje que ela está aqui observando?’. O líder, após conversar comigo, passou a desenvolver um sentimento de conforto e confiança, me pediu desculpas mais de uma vez por, inicialmente, ter orientado o grupo a não falar comigo.

O líder iniciou a reunião falando que diferente do comunismo, eles eram um grupo democrático, isso para continuar justificando a minha permanência com eles. Depois começaram as sugestões, e, a primeira foi que deveriam cantando o hino nacional na manifestação. Pude observar durante as falas que algumas pessoas estavam participando presencialmente pela primeira vez do grupo. Uma destas pessoas, o promotor L. C., sugeriu que pensassem o que queriam na segunda-feira, um dia após o ato. Isso irritou o líder, que rebateu dizendo que enquanto ele estava na primeira reunião, a maioria das pessoas ali se encontravam há pelo menos um mês, falou ainda que o movimento tinha mais de seis meses e o que importava era a união e a conscientização do grupo até aquele momento e que do amanhã ninguém sabia.

O tempo todo houve certa tensão sobre posições no grupo, a respeito da liderança, também a respeito do que deveria ser pauta ou não da reunião, e, eu pude perceber que além da vontade de tirar o governo do poder, eles tinham menos coisas em comum que imaginavam. Isso me fez lembrar as colocações de Anderson (2008) ao explicar que as informações que circulam entre o grupo criam uma “ligação invisível” e

simbólica entre pessoas que dificilmente teriam alguma semelhança cultural. Havia divergências sobre a proposta de reforma política, sobre intervenção militar, sobre falar ou não de forma pejorativa das minorias, entre outras que irão sendo relatadas no decorrer do texto.

Foi possível perceber também a preocupação do grupo em relação à interferência de militantes do Partido dos Trabalhadores (PT) durante o protesto, tinham medo que se isso acontecesse os militantes agissem violentamente, também aparentavam repulsa a ideia de petistas entre eles. O líder falou que a arma do grupo era se defender contra estes possíveis infiltrados, sobre o livre direito constitucional e arbítrio de expor ideias, e, que o que era importante era a ‘massa coletiva do fora Dilma e fora tudo o que tiver errado’. O líder afirmou também que os membros do PT e a esquerda tem menos conhecimento que o grupo e a direita como um todo (dizendo, nesse momento, claramente que são de orientação política de direita).

No decorrer da reunião os membros iam pedindo para falar, no começo foi difícil organizar isto, pois um sempre interferia na fala do outro a ponto de suscitar vários desentendimentos entre o grupo. Um dos primeiros a falar foi o Advogado A.C., de 49 anos, cristão, que já foi filiado ao PT, ele disse que se decepcionou com o partido em 2002 por conta dos escândalos, foi candidato a deputado pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB) em 2008, não se elegeu e hoje não está mais no partido. Ele ainda falou na que veio participar do grupo através de um colega de escritório e relatou que faz parte de um uma página social juntamente a médicos, demais profissionais da saúde e engenheiros, que visam organizar pessoas bem intencionadas contra ao governo. Ele não especificou que página era essa, nem me deu espaço para me aproximar e perguntar depois, pois gostaria de entender melhor como ele caracteriza essas ‘pessoas bem intencionadas’.

O líder sempre usava na fala diferenciações sobre o que ele entendia ser atitudes da direita e da esquerda, ele falou que a esquerda trabalha tentando organizar minorias políticas, o que dificulta para eles, enquanto a direita organiza maioria o que facilita o trabalho nos atos políticos. Assim é possível perceber que no entendimento do líder, minorias políticas significam quantidade numérica baixa de pessoas. Ele também falou sobre as vendas de camisetas e chapéus do ato, de como agir ao se deparar com pessoas do PT, a ideia era seguir como ocorreu em São Paulo, se abaixar ao lado dos

“infiltrados” para que a polícia os reconhecesse. Houve uma longa discussão em relação ao que fazer se houvessem bandeiras de partidos, a maior parte não queria aceitar, mas isso suscitou um debate sobre ser democrático e de direito das pessoas se expressarem e que não havia meios legais de impedir, a não ser por tentativa de conversas. Cada vez mais me interessava pela noção de democracia do grupo.

Entre todas as intervenções que houve na reunião, duas me chamaram atenção: a da historiadora A.D. de 40 anos, cristã; e a outra do Militar G.A. de 33 anos, cristão, formado em Direito e antigo candidato a deputado estadual pelo Partido Republicano da Ordem Social (PROS). Não sabia ainda neste momento, que eles também “roubariam a cena” durante a manifestação do dia seguinte, devido a suas falas opostas e uma contradição direta, enquanto conduziam o protesto no carro de som (esse episódio será relatado no tópico posterior). A historiadora tinha uma voz firme, era eloquente e sempre falava em tom de liderança, puxava palavras de ordem como ‘Impeachment já’, ‘Fora Dilma’, ‘A nossa bandeira jamais será vermelha’, ‘Lula e Dilma vão para Cuba que os pariu’, ‘não quero Dilma, não quero PT, quero democracia’, entre outras. Em um dos momentos mais acalorados de suas intervenções, ao falar dos programas do Governo Federal para as minorias políticas, ela usou os seguintes termos:

Não aguento mais essas palhaçadas de bolsa veado, bolsa putaria, bolsa bandido. Isso não interessa, nós somos laicos e o PT que fez essas rupturas. Não tenho partidos, a única coisa que quero é um país digno, melhor para mim, que tem vergonha na cara, honrado, honesto, trabalhador.

Neste momento A.D. foi duramente repreendida pelo líder, que preocupado com a minha presença, disse que ninguém usaria termos pejorativos em nome do grupo e que isso era comportamento de gente da esquerda. A historiadora prontamente respondeu, dizendo que achava que ali estava falando entre amigos, que no carro de som, para outros públicos jamais usaria estes termos. Falou ainda que essa repressão a faz se sentir num ‘comunismo’ onde não há liberdade de expressão e só disseminação do ódio e diferenciação entre as pessoas, que devem ser tratadas todas iguais e com os mesmos direitos. Falando isso de pé, com tom de voz elevado e algumas vezes recebendo aplausos dos demais colegas. Mais uma vez as políticas sociais do governo e a extensão de direitos e leis para estratos sociais marginalizados, são mencionadas negativamente pelos manifestantes “Fora Dilma”.

O Militar G.A. se expressava de forma similar a sua colega historiadora. Também eloquente, com uma postura de liderança, sempre falava em questões de segurança pública do estado, do país, enfatizando a importância da polícia e mencionando os tempos de ditadura, mesmo não tendo vivenciado a época em idade adulta, pois ele tem 33 anos. Em sua intervenção ele falou que estávamos todos no mesmo barco, que quer participar da manifestação para construir um país melhor:

Amanhã no protesto será um pontapé inicial para acabar com tudo isto que está aí. A própria polícia está sendo vítima da violência instaurada pelo partido que aí está, porque eles só criam leis para bandidos, vagabundos! Como o desarmamento, tirou a defesa dos cidadãos de bem, deixando só os marginais armados. Amanhã o nosso partido será o Brasil, bandeira só brasileira. O foco é contra Dilma, amanhã é o dia D para o brasileiro se libertar desta escravidão. Vamos evitar bandeiras para trazer quem está em dúvida para o nosso lado. Somos apartidários. Vamos ser cuidadosos com os vagabundos que querem acabar com o nosso movimento, mostrem eles a polícia. Queremos o nosso país de volta. A bandeira do Brasil merece respeito, mas o PT está sangrando ela há 12 anos! Vamos lutar pela bandeira, vamos ser patriotas como os outros países são. Está faltando saúde, segurança. A roubalheira está tomando conta. Temos que lutar pelo o que é correto e digno, temos que mostrar a verdade e tratar os diferentes com respeito.

O *contra tudo isto que está aí* aparece de novo como justificativa de protesto, a fala do Militar nos possibilita interpretar que, para ele, há doze anos não existiam problemas no Brasil, que a polícia tinha condições de trabalho melhores, o “cidadão de bem” armado também, que havia liberdade e não escravidão e que o país era *nosso*. Ainda que ele tenha sido filiado a um partido no passado, se faz claro na fala do Militar a rejeição a organização política partidária: *o nosso partido será o Brasil, bandeira só brasileira*. O patriotismo é usado por ele como elo e motivação para a união dos membros do grupo, faz uso dos termos *correto* e *digno* com convicção de que é corresponde aos mesmos, assim como apresenta seu “regime de verdade”. Alguns destes elementos da fala do Militar estão presentes também nas outras falas analisadas, constituindo a imagem do *povo/cidadão brasileiro imaginado* e redesenhando um Brasil ideal muito similar a um Brasil que um dia já foi proposto pela UDN: ‘nosso’, longe da ‘ameaça vermelha’, ‘ordeiro’, sem corrupção, ‘apartidário’, ‘unido’, ‘patriota’, etc.

Após estas duas ultimas intervenções relatadas e da efervescência que elas causaram no grupo, discutiram sobre os últimos preparativos, confirmação de horário, local e coisas afins. De um modo geral, a reunião foi para discutir como seria o ato no

dia seguinte. Eu imaginava encontrar apenas mais um grupo que mobilizado nas redes sociais, iriam compor as ruas com palavras de ordem, cartazes, camisas das cores da bandeira do Brasil e a própria bandeira. Porém, este grupo era de fato o ‘carro chefe’ da organização da manifestação em João Pessoa. Conseguiram os contatos necessários para mobilizar recursos como policiamento, ambulâncias, o carro de som, camisas padronizadas, panfletos, entre outras coisas. Eles, inclusive, eram as pessoas que iriam falar no carro de som e responder as mídias locais como principais organizadores do evento. Houve então o encerramento da reunião. Pegaram uma faixa que prepararam para expor no carro de som que tinha a seguinte frase: “Fora!! Dilma e leve o PT junto. Mais eficiência e transparência nos gastos públicos e defender a redução da carga tributária e burocrática”. Tiraram algumas fotos e foram embora.

15 de Março de 2015, o dia da manifestação

A manifestação estava marcada às 16 horas no Busto de Tamandaré, que divide as praias de Tambaú e Cabo Branco, sendo estes, dois bairros nobres da cidade de João Pessoa. Desci do ônibus na praia de Tambaú às 15 horas, pois queria observar antes a concentração para o protesto. Fui acompanhada de um amigo e assim que descemos do ônibus, nos deparamos com um sinal de trânsito fechado e vários carros (a maioria importados), com pessoas vestidas com a blusa da seleção brasileira de futebol, vuvuzelas⁴, e bandeiras do Brasil ao vento nas janelas. Uma cena que logo chamou minha atenção foi que mais de um dos motoristas nos carros passavam gritando coisas como: “PT vagabundo”, “Fora Ladrões”, “Vamos acabar com a corrupção” e também muitas palavras de baixo calão direcionadas a Presidente e seu partido. Nesse momento eu já pude sentir que o ato seria acalorado, deu para perceber a entonação indignada e hostil dos manifestantes que chegavam e também que eles possuíam belos e caríssimos carros.

Outra cena que me prendeu a atenção foi quando já perto do carro de som, esperando começar, uma das organizadoras do protesto questionou um dos manifestantes por este estar usando uma blusa com as cores da bandeira da Paraíba: vermelha e preta. Ela perguntou o porquê de ele usar uma camisa vermelha, do PT,

⁴ Significado e descrição: <http://www.dicionarioinformal.com.br/vuvuzela/>

numa manifestações em favor do Brasil. Eu fiquei observando a resposta dele, que falou que realmente não era um bom momento para estar com aquela camisa, mas que para ele representava apenas a cor da bandeira de seu estado. Então percebi que a cor vermelha significa uma afronta aos protestantes, que não conseguia vê-la além da associação e representação simbólica do comunismo, das bandeiras dos movimentos sociais de esquerda e do PT. Isso ficou claro nas palavras de ordem proferidas no carro de som: “A nossa bandeira jamais será vermelha” e certamente no questionamento da citada organizadora.

As pessoas continuavam a chegar e o ato foi iniciando, em cima do carro de som estavam os organizadores que entrevistei e acompanhei na reunião no dia anterior ao protesto. Eles me viram em baixo, acenaram, foram simpáticos e o líder A.G. me convidou a subir no carro de som, para que eu pudesse ter uma ideia da dimensão do protesto. Quando subi, percebi alguns olhares de reprovação, recebi alguns sorrisos e pude ver que após uma hora de início, a orla das praias de Cabo Branco e Tambaú estavam repletas de pessoas vestidas com camisas da seleção brasileira de futebol, levantando bandeiras do Brasil ou então vestidos de verde, amarelo, azul e branco, com cartazes com vários dizeres contrários ao governo. Por um momento eu pensei estar em um estádio de futebol, porque o comportamento dos manifestantes também era muito similar a de uma torcida.

Em cima do carro, a organizadora A.D. (aquela historiadora de 40 anos que foi bem ativa na reunião da organização no dia anterior) vestia blusa branca por baixo de uma camisa da seleção brasileira de futebol e falava com a bandeira do Brasil enrolada na cintura. De início ela sugeriu que fosse cantado o hino nacional, com as pessoas de pé, com a mão sobre o lado esquerdo do peito, justamente como ocorre na abertura de um jogo da seleção brasileira. Após o hino houve aplausos e foi dado o início da manifestação. A.D. começou falando que o partido de todos ali presente era o da Federação da República Brasileira, falou também que estava ali contra a ditadura do PT, em um ato cívico e democrático.

O microfone ficava mais tempo entre a mão dela e a mão do militar G.A de 33 anos, (aquele antigo filiado ao PROS, também bastante ativo na reunião do dia anterior para organização do protesto). Não só A.D e G.A falavam, mas outras pessoas também eram convidadas ou pediam para discursar no microfone. Algumas das pessoas que

subiam no carro de som, se apresentavam como representantes de alguns segmentos sociais, como médicos, advogados, militares e até um padre. Nas pausas entre as falas, o carro de som soltava paródias de músicas que continham em suas letras críticas ao governo e justificativas para o protesto.

Durante o protesto mais uma cena me marcou: em meio a seu discurso, a historiadora A.D. leu uma faixa favorável intervenção militar e repreendeu, de cima do carro de som, as pessoas que apoiavam a intervenção. Chamou a polícia militar para pedir a retirada dos mesmos e pediu para outros manifestantes próximos a faixa se abaixarem para que a polícia pudesse reconhecer os favoráveis a intervenção. O quadro exposto me fez pensar sobre o que exatamente o grupo chama de democracia e, nesse contexto de questionar a noção de democracia presente nessas manifestações. Quando A.D. começou a falar contra aos favoráveis a intervenção militar, dizendo que aquela bandeira também não era a dos brasileiros, teve o microfone retirado de suas mãos antes mesmo de concluir a frase. Nesta ocasião, pude observar um senhor vestido com uma blusa com dizeres favoráveis a intervenção, criticá-la intensamente, gritando que ela era uma petista disfarçada, que deveria calar a boca. Então houve minutos de silêncio constrangedores no carro de som, até que G.A., o militar, pegou o microfone e disse que aquela atitude dela era uma atitude isolada, que não representava o movimento, alegou também que foi um erro dela fazer isso e que como democráticos, diferente dos comunistas, o movimento abraçava essa bandeira também. Nesse momento a minha ideia da ideia deles de democracia ficou ainda mais obscura, pois quanto mais eles falavam em democracia, mas agiam de forma autoritária.

Passada a cena de ser ou não favorável à intervenção militar, no decorrer do ato, A.D. pegou novamente o microfone, dessa vez com a finalidade de se desculpar. Então ela começou dizendo que todo mundo erra e que as pessoas aprendem com seus erros, citando um exemplo próprio, afirmando que votou no ex-presidente Lula nas eleições de 2002. Antes de ela conseguir completar o raciocínio, as pessoas vaiavam veementemente, os outros organizadores faziam gestos e caras de desaprovação, ela era xingada, mas insistiu em continuar a falar e disse que se arrependeu do erro de ter votado em Lula e também de ter repreendido as pessoas favoráveis à intervenção militar. Na tentativa de comprovar o arrependimento, ela chamou o militar G.A, pediu para que ele também pegasse uma bandeira do Brasil e juntos, de braços dados

acenaram para o público e começaram a falar palavras de ordem contra o governo. Após o impasse citado a cima, o protesto continuou por mais uma hora, um padre falou e rezou um Pai Nosso, o carro de som se deslocou do Busto até o hotel Tambaú mais ou menos, uma linha reta de aproximadamente 300 metros e a manifestação acabou perto das 19 horas.

O grupo de organizadores, os oradores do carro de som, os manifestantes com cartazes e roupas das cores da bandeira do Brasil, refletiam a imagem de uma comunidade imaginada de *povo/cidadão brasileiro* e todos os elementos que a compõe, já mencionados nas análises das descrições das falas dos manifestantes. Saí do ato com a impressão de que havia uma nova organização de propostas de Brasil um pouco velhas, pois não foi apenas em 2015 que a moralização da política foi usada como instrumento de mobilização contra a um governo vigente.

Considerações Finais

Com os dados e análises, é possível perceber que são as emoções e a moralidade que movem os integrantes a se engajarem no grupo. É explícito praticamente em todas as falas o sentimento de *indignação*, *decepção* com o governo, o *medo* dos 'males' apontados por eles na gestão política atual, o *ódio* que eles dizem que as políticas do governo incitam entre os cidadãos, a *esperança* de um país *melhor*, o *amor*, *zelo*, *respeito*, pela bandeira, o que também foi claramente vistos nas cores da faixa e das camisas e bonés que eles usavam na reunião, eram as cores da bandeira do Brasil. É possível encontrar também entre eles um sentimento de *vergonha*, *nojo*, *repulsa* pela corrupção alardeada nas mídias que os mesmos têm acesso, a *preocupação* com o futuro dos valores morais arraigados na cultura cristã que eles defendem, assim como a *euforia* das reações as falas e palavras de ordem na reunião, o *nervosismo* diante dos desentendimentos e *entusiasmo* para a realização do protesto.

Enquanto as emoções aparecem como uma espécie de motor para o engajamento e justificações nos discursos dos grupos, a opção moral do grupo, a moral cristã, se mostra como uma espécie de bússola apontando a direção que os ideais dos integrantes querem para o país, o tempo todo nas falas aparece expressões como busca pela *verdade*, a ânsia por um país *melhor*, *justo*, *honesto*, *honrado*, *ético*, busca por *respeito*,

preocupação com os *valores cristãos*, alegações sobre uma *corrupção cultural* promovida pelo governo, sempre colocando o posicionamento político de esquerda a qual enquadram o governo e o comunismo como exemplo de uma moral diferenciada e negativa em relação a moral de um posicionamento político de direita orientado por valores cristãos. Ser contrário à corrupção é algo encontrado tanto nos posicionamentos políticos de direita, como de esquerda, porém a forma como o grupo tem imputado seus valores, é como se quisesse estender a sua opção pela moral cristã para todos, ferindo, dessa forma uma ética pautada pela democracia. Isso está presente na fala de alguns membros do grupo, nas críticas a Cuba, ao PT, ao Foro e São Paulo e na fala do líder e é neste sentido que a moralidade aparece nos discursos como uma espécie de bússola que sempre aponta como bom politicamente para a direita.

Mesmo tendo direcionamentos políticos mais a direita, o que importa, conforme o discurso deles, é que Dilma e o PT saiam, mas não defendem diretamente um possível substituto. Dizem-se apartidários, embora dê para perceber que apoiariam outro grupo político forte em oposição ao PT, mesmo sem investigar se o comportamento políticos destes estaria de acordo com a moral que os manifestantes defendem. Deixando dessa forma a dúvida sobre o que eles estão combatendo, se é a corrupção ou apenas o PT, pois o que não faltam são fontes de dados e estudos sobre ranques dos partidos mais corruptos do país e o PT não está entre os primeiros. Isso torna a revolta personalizada e direcionada a pessoa da presidente, do ex-presidente e de seu partido.

Quando dizem que o governo atual promove o ódio entre rico e pobre, negro e branco, homem e mulher, homossexual e heterossexual, dividindo e provocando rupturas no país, estão se referindo as leis de acesso, a abertura para os movimentos de representação das minorias e as políticas sociais. Os integrantes do grupo alegam que fazendo isso, o governo está acentuando as diferenciações, se contrapõem a isto dizendo que somos todos iguais e que precisamos ser tratados com igualdade perante a lei. Também dizem que respeitam as diferenças e isso traz certa dificuldade para entender como seria este respeito, pois neste discurso está implícito ou explícito, de que as conquistas de direitos e acessos dos grupos política e socialmente marginalizados devem ser suprimidas em prol da maioria.

Evoca-se então a universalidade da lei, que, sendo universal, não daria conta das particularidades de grupos marginais. Nesse sentido, sabe-se que a maioria em números,

e não em poder aquisitivo e político, são justamente as pessoas beneficiadas pelas conquistas sociais e políticas recentes, e, que antes destas, apenas as classes mais favorecida que não são a maioria da sociedade brasileira em termo de número tinham acesso. Então, considerando estas questões, todas as outras até aqui suscitadas e as categorias da emoção e da moral para pensá-las. Finalizo o trabalho com as seguintes perguntas, querem um Brasil melhor para quem? Que ódio o governo atual promoveu com suas políticas sociais? O de um grupo estabelecido que reclama a exclusividade de espaços que pertencem a toda uma diversidade social?

Referências

ALEXANDER, J. 2001. 'Towards a Sociology of Evil'. In; Maria Pía Lara (Ed). *Rethinking Evil: contemporary perspectives*. pp: 153-72. Berkeley: University of California Press.

ANDERSON, Benedict. 2008: *Comunidades Imaginadas*. São Paulo. Cia das Letras.

BAUMAN, Zygmunt. 1998. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Zahar.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. 1981. *A UDN e o Udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

BRITO, Simone Magalhães. 2009. Sociologia da Moralidade: seus fundamentos e limites. Trabalho apresentado no seminário "Sociologia: Consensos e Controvérsias" do XIV Congresso Brasileiro de Sociologia.

BRITO, Simone Magalhães. 2011. *Traçando os limites da Sociologia da Moralidade: uma perspectiva adorniana*. Estudos de Sociologia (Recife), v. 1:82.

BRITO, Simone Magalhães; PONTES, Nicole Louise Macedo Teles de. 2011. "Contra o efeito Lúcifer; esboço para uma teoria sociológica do Mal". Trabalho apresentado no Grupo de trabalho "O pluralismo na teoria contemporânea" do 35º Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu-MG.

CARVALHO, Olavo de. 2002. Do Marxismo Cultural. Disponível em: (<http://www.olavodecarvalho.org/semana/06082002globo.htm>; acesso em: 10 de Setembro de 2015).

GRUN, R. 2011. *Escândalos, tsunamis e marolas: apontamentos e desapontamentos sobre um traço recorrente da atualidade*. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 26, n. 77.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. 2002. *Medos Corriqueiros: em busca de uma*

aproximação metodológica. Revista CONCEITOS:120-126.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. 2009. *Emoções, Sociedade e Cultura: a categoria de análise emoções como objeto de investigação na sociologia*. Curitiba: Editora CRV.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. 2010. *Identidade e pertença: disposições morais e disciplinares em um grupo de jovens*. ETNOGRÁFICA, vol.14(1):27-58.

PINHEIRO, Joel. 2014. O que há de novo na Direita?. Disponível em: (<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/527830-o-que-ha-de-novo-na-qdireitaq>; Acesso em 10 de Setembro de 2015).

SOUZA, Jessé. 2011. *A parte de baixo da sociedade brasileira*. Revista Interesse Nacional, v.14, p. 33-41.